

O Sacrifício do Cordeiro

A Sexta-Feira da Paixão e a Restauração da Aliança

A Sexta-Feira da Paixão não é uma data de luto no calendário cristão; é o eixo central da história da humanidade sob a perspectiva teológica. É o momento em que a justiça e a misericórdia se encontram no alto de uma cruz. Para compreender a magnitude deste evento, é preciso olhar para trás, para o Gênesis, e para frente, para a consumação de um plano traçado antes da fundação do mundo.

1. A Maldição do Éden e a Necessidade de Redenção

Tudo começa com uma ruptura. No Jardim do Éden, a desobediência humana introduziu o que os teólogos chamam de "A Queda". A maldição não foi apenas uma punição arbitrária, mas a consequência ontológica da separação da Fonte da Vida. O resultado foi a morte física, a corrupção moral e a barreira espiritual entre o Criador e a criatura.

O homem, incapaz de transpor o abismo que ele mesmo cavou, viu-se sob a sentença de uma dívida impagável. No entanto, ainda no Éden, surge a primeira promessa de esperança. O *Protoevangelho* (Gênesis 3:15) profetizou que o descendente da mulher esmagaria a cabeça da serpente, embora seu calcanhar fosse ferido. Ali, o plano de redenção foi anunciado.

2. O Cumprimento das Profecias

A crucificação não foi um acidente histórico ou uma tragédia política imprevista. Foi o cumprimento meticuloso de centenas de profecias registradas ao longo de séculos. Cada detalhe da Sexta-Feira da Paixão serve como uma "assinatura" divina confirmando a identidade de Jesus como o Messias.

- **O Servo Sofredor:** Isaías 53, escrito cerca de 700 anos antes de Cristo, descreve com precisão cirúrgica o julgamento, o silêncio perante os acusadores e o fato de que Ele seria "transpassado pelas nossas transgressões".
- **Os Detalhes da Execução:** O Salmo 22 antecipa frases ditas na cruz, a zombaria dos espectadores e até o sorteio de Suas vestes, detalhes que Jesus não poderia controlar se fosse apenas um homem comum.
- **O Tipo e o Antítipo:** Cada sacrifício de cordeiros no sistema levítico era uma sombra, um ensaio visual para o que ocorreria no Calvário.

3. O Cordeiro Divino: O Sacrifício Final

No sistema sacrificial do Antigo Testamento, o sangue de animais era usado para "cobrir" os pecados temporariamente. Contudo, o autor de Hebreus esclarece que "*é impossível*

que o sangue de touros e bodes tire pecados". Era necessário um sacrifício perfeito, de valor infinito.

Quando João Batista aponta para Jesus e diz: "*Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*", ele está conectando Jesus à Páscoa judaica. Assim como o sangue do cordeiro nos umbrais das portas livrou os hebreus da morte no Egito, o sangue de Cristo na cruz oferece livramento da morte eterna.

Por que o sacrifício de Cristo é final?

1. **Perfeição:** Diferente dos sacerdotes humanos, Cristo era sem pecado.
2. **Substituição:** Ele assumiu o lugar jurídico do pecador. A ira divina contra o pecado foi satisfeita n'Ele.
3. **Vitória sobre a Maldição:** Ao ser pendurado no madeiro e assumir sobre Si a condição de "maldito" (Gálatas 3:13), Jesus tomou para Si a maldição inaugurada no Éden, esvaziando-a de autoridade e anulando seu domínio sobre todos os que n'Ele depositam sua fé.

O Véu Rasgado e o Novo Caminho

Um dos momentos mais simbólicos da Sexta-Feira da Paixão ocorreu no instante da morte de Jesus: o véu do Templo rasgou-se de alto a baixo. Este véu separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo, onde a presença de Deus habitava e onde apenas o Sumo Sacerdote podia entrar uma vez por ano.

O rasgar do véu simboliza que o acesso a Deus não está mais restrito a rituais, linhagens ou sacrifícios de animais. O sacrifício de Jesus abriu um "novo e vivo caminho". A barreira do Éden foi removida.

Consumado Está

As últimas palavras de Jesus, *Tetelestai* ("Está consumado"), eram, na verdade, um termo contábil e jurídico da época, significando "**A dívida está paga na íntegra**".

A Sexta-Feira da Paixão é chamada de "Sexta-Feira Santa" em muitas línguas (como o inglês *Good Friday*) porque, apesar da dor e da escuridão daquele momento, o resultado foi o bem supremo da humanidade. O plano de redenção, arquitetado desde a eternidade, foi executado com perfeição. O Cordeiro venceu o pecado, preparando o palco para o triunfo final sobre a morte que viria no domingo de manhã.

A cruz, outrora símbolo de vergonha e maldição, tornou-se o maior monumento ao amor de Deus, provando que Ele não poupou a Si mesmo para resgatar o que havia se perdido.

Pr. Paul Rech